

## TECNOLOGIA NA ESCOLA PÚBLICA FUNCIONA? – A EXPERIÊNCIA DO MONITOR EDUCACIONAL NO ESTADO DA BAHIA

Roberta Peixoto\*  
Sávio Siqueira\*\*

**RESUMO:** As novas tecnologias estão diretamente ligadas às transformações que têm marcado a história da sociedade contemporânea. Os jovens, considerados nativos digitais, estão cada vez mais imersos nas redes mundiais de informação e a escola não pode ficar alheia a tal realidade, o que representa um grande desafio para os educadores. O artigo discute a relação entre tecnologia e educação linguística, a partir do projeto do Governo da Bahia intitulado Monitor Educacional, seus principais objetivos, compartilhando resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar a penetração e os efeitos do ME nas aulas de inglês da rede estadual de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inglês como língua internacional; Monitor educacional; Novas tecnologias; Escola pública.

### Introdução

*Abrir-se para as novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica, é o desafio a ser assumido por toda a sociedade (KENSKI, 2010, p.41).*

Nos últimos anos, a comunidade escolar vem enfrentando um grande desafio. Os jovens estão se conectando com o mundo tecnológico cada vez mais cedo, o que exi-

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Língua Inglesa da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

\*\* Professor Adjunto III do Departamento de Letras Germânicas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Letras e Linguística pela UFBA.

ge uma adaptação do ambiente educacional e, principalmente, que os professores consigam adaptar a sua prática pedagógica a essa realidade, tornando-se “anteados”, como diriam os adolescentes. Afinal, concorrer com esse mundo não é uma tarefa fácil.

Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado intitulada *Monitor Educacional (TV Pendrive): a tecnologia nas aulas de língua inglesa da escola pública* (PEIXOTO, 2013), cujo objetivo principal foi descrever e analisar como a tecnologia, especificamente a partir do projeto Monitor Educacional, doravante ME, encampado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, estava sendo utilizada em aulas de língua inglesa das escolas públicas estaduais e qual o reflexo desta ação na prática diária dos professores dessa disciplina.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico e interpretativista. No primeiro momento da coleta de dados, 66 (sessenta e seis) professores de língua inglesa oriundos de 31 (trinta e um) municípios baianos responderam a um questionário elaborado com o intuito de investigar, entre outras coisas, quando e como o ME chegou às unidades escolares, se os docentes receberam treinamento para utilizar a nova ferramenta, se a utilizavam e de que maneira, como tinha sido a recepção dos alunos e qual o reflexo em sua prática pedagógica e no desempenho dos aprendizes. Em seguida, quatro professores<sup>1</sup>, que faziam uso do ME, foram observados *in loco* a fim de verificar as informações fornecidas no questionário. Por fim, na última etapa da coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os quatro professores participantes, visando à triangulação dos dados, conforme defende Cançado (1994).

O presente artigo tem, portanto, como objetivo apresentar dados obtidos na primeira fase da pesquisa, quando os 66 (sessenta e seis) professores forneceram informações sobre o ME, seu uso e efeitos nas aulas de língua inglesa. Inicialmente, será apresentada uma breve discussão sobre as novas tecnologias e sua relação com a educação linguística e o papel do professor nesse contexto. Posteriormente, será definido e caracterizado o Monitor Educacional para, por fim, serem apresentados os resultados do trabalho

---

<sup>1</sup>Um professor do município de Elísio Medrado, uma professora de Itaberaba e duas professoras de Salvador.

de pesquisa.

### Novas tecnologias e educação linguística

A tecnologia vem protagonizando grande parte das mudanças que marcam a história da nossa sociedade e, aliada ao fenômeno atual de globalização, principalmente com o advento da internet, vem permitindo o processamento de informações e a comunicação de forma assustadoramente mais rápida.

Nesse contexto, Kenski (2010) classifica o conceito ‘novas tecnologias’ (NTIC) como “variável e contextual”, baseado na dificuldade em “estabelecer o limite de tempo que devemos considerar para designar como ‘novos’ os conhecimentos, instrumentos e procedimentos que vão aparecendo” (KENSKI, 2010, p.25). Na visão de Lévy (2010, p. 28),

[as] ‘novas tecnologias’ recobrem na verdade a atividade multi-forme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação.

Atualmente, estamos cercados e influenciados pela *cibercultura*<sup>2</sup>, onde as transformações provocadas pela tecnologia ocorrem num ritmo tão veloz que podemos nos dar conta de uma determinada técnica exatamente quando outra já está surgindo com o objetivo de substituí-la<sup>3</sup>. Certamente, tal processo, em que praticamente tudo se torna obsoleto em tempo recorde, pode ser visto como um dos maiores desafios enfrentados pelo homem desde o decorrer do século XX.

Lévy (2010) destaca também o papel do que chama de inteligência coletiva como um dos principais impulsores da cibercultura, trazendo a reboque o empoderamento do indivíduo, assim como do grupo do qual faz parte. De acordo com o autor, “a finali-

<sup>2</sup>Lévy (2010, p.17) define *cibercultura* como sendo um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

<sup>3</sup>A Lei de Moore estabelece que o desempenho dos microprocessadores seria dobrado a cada dezoito meses (CASTELLS, 1999; LÉVY, 2010).

dade da inteligência coletiva é colocar os recursos de grandes coletividades a serviço das pessoas e dos pequenos grupos – e não o contrário” (LÉVY, 2010, p.205). Nas suas palavras,

quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – que pressupõe, obviamente o questionamento de diversos poderes –, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecnossocial (LÉVY, 2010, p.29).

Sob tal perspectiva, o ciberespaço possibilita a interação e a comunicação entre as pessoas, especialmente entre profissionais de diferentes áreas, permitindo, desta maneira, o intercâmbio de experiências e a construção de uma rede de colaboração que pode ser acessada e composta por participantes de diferentes partes do planeta. Assim, é importante destacar que “a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do ‘povo’” (LE MOS; LÉVY, 2010, p.14).

Entretanto, teóricos como Comasseto (2005) e Virilio (2001) ostentam um ponto de vista menos otimista em relação à nova era tecnológica. Para o primeiro estudioso, por exemplo, a concretização da internet “como um espaço livre de comunicação interativa e um instrumento em favor da inteligência coletiva” não ocorre na prática, revelando o que ele alcunha de uma “ilusão democrática” (COMASSETO, 2005, p.29). O autor defende, então, que “a inteligência coletiva não está na internet, nem no homem artifício, mas no exercício do pensamento em busca do sentido da verdade do ser”, considerando que “sem isso, a suposta democracia da máquina nada mais é que mera ilusão” (COMASSETO, 2005, p.38).

Já na visão de Virilio (2001), a internet pode ser considerada uma ameaça, na medida em que ao conectar também cria uma dependência do mundo inteiro para com ela. Conforme o filósofo e urbanista francês, a informática e a internet estariam sendo utilizadas pelo capitalismo em prol do controle de cada indivíduo. Todavia, o autor chama a atenção para o fato de que não deseja “a eliminação da internet e da cibernética”, porém defende a busca pelo “ângulo certo para olhar a informática, a internet, as novas

tecnologias” (VIRILO, 2001, p. 15).

Assim, pode-se perceber que tanto a visão otimista quanto a pessimista sobre as novas tecnologias, defendidas pelos autores citados anteriormente, e tantos outros, com certeza, propõem que sejamos críticos em relação às novas tecnologias e às mudanças importantes e quase diárias que elas vêm provocando pelo mundo afora. Lopes (2007), contudo, afirma de maneira pertinente que são aqueles que utilizam as mídias que, em tese, determinarão se o resultado final será positivo ou negativo. O tempo dirá.

Considerando o contexto educacional, Cox (2008, p.53) apresenta sete possíveis vantagens do uso da informática na escola, as quais “servem muito mais de aspirações do que propriamente como benefícios garantidos”:

- a) Provocação de mudanças na educação escolar;
- b) Desenvolvimento da linguagem e da escrita;
- c) Favorecimento do desenvolvimento da cidadania;
- d) Favorecimento da interdisciplinaridade;
- e) Preparação para o mundo do trabalho;
- f) Estímulo para o aluno participar da escola;
- g) Promoção da interação dos agentes escolares, visando à promoção da interdisciplinaridade e a cidadania.

Dessa forma, fica claro que a realidade, cada vez mais complexa, a ser enfrentada pelo professor é uma tarefa bastante desafiadora, exigindo reflexões constantes sobre a sua prática pedagógica, a fim de adequá-la a esse novo contexto, vislumbrando-se, exatamente, proporcionar experiências significativas e estimulantes para os seus alunos.

## **O professor e as novas tecnologias**

Conviver com as novas tecnologias e inseri-las na prática pedagógica da sala de aula representa um dos importantes desafios para os educadores na contemporaneidade, uma vez que devemos nos pautar pela busca por uma escola mais atrativa, dinâmica e in-

terativa. Consoante Lévy (2010), uma nova pedagogia, que proporcione ao mesmo tempo as aprendizagens individuais e a coletiva em rede, é essencial nesse contexto, em que os jovens estão cercados pela globalização tecnológica e são capazes de fazer processamentos simultâneos e em velocidade jamais imaginada. Assim, é fundamental que os docentes de qualquer área e disciplina se atualizem e se apropriem dos avanços tecnológicos no sentido de, principalmente, enxergar as novas tecnologias como meio de produção de conhecimento e de cultura, sob o ponto de vista da efetiva cidadania, tornando-se, como sinaliza Lévy (2010), um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos, uma ‘autoridade’ detentora de certos tipos de informação a serem recebidas passivamente pelos aprendizes.

A educação básica, nos dias de hoje, é composta em sua maioria por alunos que pertencem à Geração Z<sup>4</sup>, também conhecida como “nativos digitais”, “homo zappiens”, “geração digital” ou “geração internet”. Desta geração específica, fazem parte aqueles que nasceram a partir do ano de 1993 do século passado e que, devido ao seu comportamento peculiar, influenciaram na denominação “Z”. De acordo com Levenfus (2002, p.51 apud FAGUNDES, 2011, p. 40), essa geração caracteriza-se pelo

comportamento de *Zappear*, ou seja, ela muda de um canal para outro na televisão sem deter-se em praticamente nenhum. Sobreposição do uso da internet, do vídeo, dos CDs musicais e dos telefones com maior naturalidade. Essa geração não se tranca no quarto para se isolar do mundo, mas sim para se plugar nele, tendo acesso a in-

---

<sup>4</sup>A demarcação do início e do fim de cada geração diverge entre os autores, todavia as diferenças não são consideradas tão discrepantes, pois variam com diferença de, no máximo, quatro anos. A primeira geração estudada foi a dos “Veteranos”, nascida entre 1922 e 1945 e que desenvolveu atitudes voltadas para a disciplina e para os valores conservadores. A segunda geração nasceu entre 1946 e 1964 e é conhecida como “Baby-boomers”, devido ao crescimento do número de bebês com o final da Segunda Guerra Mundial. Essa geração acompanhou muitos movimentos de revolta contra a realidade que viviam, além de participarem de lutas em prol da diversidade, direitos civis e democracia. Por isso, possuem valores como a busca pela realização e pelo sucesso pessoal. Aqueles que nasceram entre 1966 e 1978 pertencem à Geração X, que pode ser caracterizada como fragmentada, cética e materialista, apesar de considerar importante a família e os relacionamentos. A quarta geração, Geração Y, compreende os nascidos entre 1979 a 1992, sendo os primeiros a ter contato direto com o mundo tecnológico, convivendo bem com a internet e suas ferramentas instantâneas de comunicação. Contudo, a convivência com a velocidade das informações gera impaciência e senso de imediatismo entre seus membros (FAGUNDES, 2011).

formações jamais obtidas por jovens de eras passadas, de dentro do quarto abrem N janelas para o mundo.

Esses jovens cresceram com a evolução das novas tecnologias, principalmente da internet, onde o fluxo de informações é muito amplo e variável. As NTIC foram incorporadas à rotina desses indivíduos, sendo utilizadas nos estudos, na vida diária e até nas relações sociais. Essa geração também está envolvida com a produção de informação *online*, pois a rede colaborativa *Web 2.0* favoreceu que os jovens se tornassem cada vez mais colaboradores uns dos outros.

Assim, a escola passa a ser palco de um conflito de gerações, e como um microcosmo da sociedade mundial dos tempos atuais, de identidades múltiplas, fragmentadas, em construção contínua. Educadores que nasceram nas Gerações X e Y e que tiveram que se adaptar às novas tecnologias de informação e comunicação precisam estar preparados para lidar com alunos que cresceram e se desenvolveram numa convivência íntima com esses elementos, para eles, uma extensão de sua própria vida. Diante de tal cenário, a formação continuada dos educadores tem uma importância significativa, como defende Kenski (2010, p. 103):

professores bem formados conseguem ter segurança para administrar a diversidade de seus alunos e, junto com eles, aproveitar o progresso e as experiências de uns e garantir, ao mesmo tempo, o acesso e o uso criterioso das tecnologias pelos outros. O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos.

Neste cenário singular, Leffa (1999, p.20) chama a atenção para o fato de que a “máquina servirá apenas como um instrumento para realçar a ação do professor, tanto para o aspecto positivo como negativo”. Para o autor, “se o professor for bom, o benefício será grande para o aluno; se for ruim, o prejuízo também será enorme” (LEFFA, 1999, p.20). Dessa maneira, está claro que se trata de um grande desafio para o professor,

uma vez que deverá se apropriar dos recursos tecnológicos a fim de utilizá-los de forma eficaz para proporcionar a aprendizagem. Em outras palavras, no pensamento de Leffa (1999, p.21), “para usar a máquina com eficiência, ele [o professor] precisa ser justamente aquilo que a máquina não é, ou seja, crítico, criativo e comprometido com a educação”.

Infelizmente, nem sempre o uso da tecnologia na educação apresenta resultados positivos, conforme destaca Kenski (2010, p.57). Um dos problemas, na percepção da autora, seria “a falta de conhecimento dos professores para o melhor uso pedagógico da tecnologia, seja ela nova ou velha”, o que revela a carência de formação dos educadores para este fim. Outro obstáculo diz respeito “a não adequação da tecnologia ao conteúdo que vai ser ensinado e aos propósitos do ensino” (KENSKI, 2010, p.57). Muitas unidades de ensino, inclusive públicas, dispõem de diversos recursos tecnológicos, porém não obtêm o retorno desejado na aprendizagem de seus alunos. Além desses problemas, Belloni (2003 apud KENSKY, 2010) destaca problemas relacionados à própria carreira do professor como, por exemplo, a formação inicial precária, a falta de tempo para o engajamento em programas de formação continuada dentro da jornada de trabalho e a falta de hábito de autodidatismo.

Assim, fica evidente que não basta apenas suprir as escolas com equipamentos e todas essas novas tecnologias. Na visão de Barreto (2002), é relevante destacar que a presença dessas ferramentas é condição desejável, mas não suficiente, para a promoção de diferenças qualitativas nas práticas pedagógicas concretas. Pretto e Pinto (2006) defendem que este é um momento significativo para a recuperação da dignidade do trabalho docente, reconquistando sua autonomia e conquistando novas possibilidades devido à presença dos recentes elementos tecnológicos da informação e comunicação.

Cabe ao docente, portanto, usar do bom senso quando da utilização de materiais para suas práticas educacionais, buscando atingir os objetivos propostos para a sua disciplina e proporcionar um conhecimento mais amplo através de um diálogo interdisciplinar, por intermédio da pesquisa de conteúdos apropriados e fazendo uso das tecnologias da informação, de forma competente e criativa, garantindo aos educandos aulas mais atra-

tivas e participativas, não medindo esforços para, entre outras coisas, ultrapassar o anacrônico modelo de aula apenas expositiva em que o aluno tem um papel exclusivamente passivo.

### **As novas tecnologias e o ensino de línguas**

De acordo com Paiva (2008), ao longo dos anos, o ensino de línguas na escola tem buscado inserir as novas tecnologias nas práticas pedagógicas como uma tentativa de aperfeiçoar a mediação entre os alunos e a(s) língua(s) estudada(s). Com o surgimento e avanço das novas tecnologias, principalmente do computador e da internet, o professor vê-se pressionado a com elas familiarizar-se, além de incorporá-las em sua prática pedagógica. Neste pormenor, segundo Kenski (2010, p.104), além dos conhecimentos sobre o uso do computador e da internet, torna-se imperativo para os docentes saber pelo menos uma língua estrangeira, em especial, o inglês, para que “possam sair do cerco fechado da sala de aula e do ambiente escolar para conectarem-se com o mundo”.

Como já amplamente documentado e discutido, na contemporaneidade, o inglês assumiu a condição de língua internacional<sup>5</sup>, sendo que, aproximadamente um terço da população mundial possui algum grau de conhecimento desse idioma, assim como grande parte de toda a produção científica produzida no planeta é publicada e difundida em inglês (RAJAGOPALAN, 2005). Nesse controverso cenário de clara hegemonia, alguns questionam se o fato de o inglês estar infiltrado praticamente em todas as novas tecnologias não poderá camuflar e até invisibilizar as outras línguas e as outras culturas, colocando em xeque as próprias línguas maternas espalhadas pelo planeta.

A esse respeito, Leffa (2001) acredita que, mesmo diante da expansão brutal do inglês como língua franca mundial, não ocorrerá, necessariamente, a substituição da lí-

---

<sup>5</sup>Segundo McKay (2002), para que uma língua seja considerada ‘internacional’ não basta que ela tenha um grande número de falantes nativos, mas que ela proporcione ampla comunicação entre falantes de diferentes países como também entre falantes de uma mesma sociedade. Em um viés mais político, Crystal (1996) complementa a explanação, afirmando que uma língua não ascende ao patamar de língua internacional por suas propriedades estruturais intrínsecas, sua cultura ou um passado de rica literatura, mas por uma razão principal: o poder político de seu povo, atrelado a seu poderio militar. Este, certamente, é o caso do inglês na atualidade.

gua minoritária pela língua hegemônica, contudo a primeira terá a oportunidade de enriquecer-se à medida que incorpora novos elementos, o que certamente também ocorrerá com a língua hegemônica, já que, como se sabe, nenhuma língua viaja por outras terras sem se deixar misturar com os falares e traços locais. Daí a necessidade de os professores de línguas estarem atentos a questões como, por exemplo, imperialismo linguístico (cf. PHILLIPSON, 1992) e, no caso do inglês, especificamente, trabalhá-lo como uma função e não como uma variante hegemônica, sempre chamando a atenção para a valorização dos aspectos locais que, naturalmente, deverão fazer parte do inglês adquirido no ambiente instrucional.

De acordo com as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN+ Ensino Médio (BRASIL, 2002), a procura de informações em outro idioma é ampliada com o emprego de tecnologias da informação. Conforme Kenski (2010, p.36), apesar da grande quantidade de sítios eletrônicos em outras línguas, “o número de informações em inglês na internet é de mais de 80% de todo o conteúdo das redes”<sup>6</sup>.

Na opinião de Kenski (2002), a introdução de uma determinada tecnologia no ensino de um idioma pode representar mudanças consideráveis na organização e condução do processo. Essa mudança pode ser percebida se migrarmos de uma realidade de ensino baseada exclusivamente no livro didático e na pronúncia da professora através de aulas expositivas para uma aula que, além do apoio do professor, seja ancorada em diálogos autênticos e realistas, uso de vídeos, áudios, laboratórios, além de contato com comunidades virtuais que permitam a concretização de encontros vistos como interculturais fora dos muros da escola.

É inegável que as TIC que nos circundam provocam e proporcionam um novo tipo de interação do professor com seus estudantes. Elas possibilitam a criação de formas

---

<sup>6</sup>Apesar de o inglês ainda manter uma certa hegemonia no tocante ao conteúdo da internet, em especial no campo científico, é visível o avanço de outras línguas nas mais diversas áreas de conteúdo, incluindo as redes sociais de alcance global. Só para termos uma ideia, de acordo com o site *socialbakers.com*, entre maio de 2010 e novembro de 2012, as línguas que mais avançaram no *Facebook* foram (1ª) português, (2ª) árabe e (3ª) alemão.

mais criativas de integração do professor com a organização escolar e com outros professores. Ademais, as tecnologias, principalmente as NTIC, podem ser utilizadas como um recurso fundamental em prol da interdisciplinaridade, garantindo que cada conteúdo das aulas possa potencialmente se interligar com aqueles de outras áreas do saber. Entretanto, sobre tal questão, Kenski (2010 p. 45) salienta que “professores isolados desenvolvem disciplinas isoladas, sem maiores articulações com temas e assuntos que têm tudo a ver um com o outro, mas que fazem parte dos conteúdos de uma outra disciplina”. Quem sabe, as NTIC não adentram este cenário para estimular um maior intercâmbio entre os docentes das mais variadas disciplinas, incluindo aqueles de língua inglesa.

Na visão de Paiva (2008), num país onde tecnologias como o papel, o livro e até a eletricidade ainda não estão à disposição de todos devido às gritantes diferenças sociais, a história da tecnologia num contexto de ensino de línguas não poderia ser linear. Nota-se que algumas tecnologias já em desuso em alguns contextos educacionais podem ainda ser novidade em outras escolas.

É bem possível que o computador não chegue para todos, mas é preciso também ter em mente que nem o livro e nem o computador farão milagres no processo de aprendizagem. O sucesso da aquisição de uma língua estrangeira depende da inserção do aprendiz em atividades de prática social da linguagem e, dependendo do uso que se faz da tecnologia, estaremos apenas levando para a tela os velhos modelos presentes nos primeiros livros didáticos (PAIVA, 2008, p. 14).

Paiva (2010) também chama a atenção para a necessidade de inserção dessa temática nos currículos de formação de professores de línguas, materna ou estrangeira, buscando conciliar práticas sociais com práticas escolares. A autora ressalta que, em nosso país, a familiarização e a posterior formação no tocante ao uso de TIC, geralmente acontecem individualmente, contanto, quando muito, com a ajuda de algum colega mais experiente, mediante consultas a conteúdos na *web* ou a participação em oficinas e cursos de curta duração oferecidos por instituições isoladas.

Visando a, quem sabe, introduzir e consolidar o uso sistemático das NTIC no

âmbito da escola pública, o governo do Estado da Bahia lançou-se em um projeto ambicioso e de amplo alcance cujos resultados ainda precisam ser coletados e discutidos com precisão. Nosso interesse nasce exatamente desta busca pelo desenrolar de tal projeto. Assim, na sequência, apresentamos esta tecnologia, o Monitor Educacional ou *TV pendrive*, como ficou mais popularmente conhecida, que foi disponibilizada para as salas de aula de escolas públicas da rede estadual, quando e como chegaram às unidades de ensino, para, então, analisarmos de que forma professores de língua inglesa, especificamente, estão utilizando a ferramenta nos mais diferentes contextos educacionais do estado.

### O Monitor Educacional

O Monitor Educacional (ME)<sup>7</sup> é um equipamento multimídia que permite a exibição de arquivos digitalizados de áudio, imagem e vídeo através da recepção de grande diversidade de sinais como, por exemplo, *pendrive*, cartão de memória, DVD, videocassete, câmera fotográfica digital, TV aberta, TV a cabo, celular, notebook, computador pessoal ou em rede. Praticamente todos os arquivos digitais podem ser visualizados e executados pelo ME, mediante a conversão para os formatos aceitos, assim como os editores de texto (tipo *Word*) ou planilhas eletrônicas (tipo *Excel*), que também precisam ser convertidos, pois não são reconhecidos pelo sistema.

Cada uma das salas de aula da rede estadual de educação da Bahia, a partir de 2008, recebeu o ME, além de mais 4 mil aparelhos que foram destinados a bibliotecas, salas de professores e Núcleos de Tecnologia Educacional – NTE. A distribuição do ME para todas as salas de aula faz parte de uma ação que se fundamenta em dois objetivos principais, segundo as informações apresentadas no Ambiente de Suporte ao Monitor Educacional<sup>8</sup>: estimular a produção audiovisual por parte da comunidade escolar e pro-

---

<sup>7</sup>As informações sobre o projeto do Monitor Educacional foram obtidas através do Ambiente de Suporte ao Monitor Educacional, no *site* da Secretaria da Educação do Estado da Bahia - SEC ([www.educacao.ba.gov.br](http://www.educacao.ba.gov.br)), bem como mediante conversas com servidores de setores envolvidos com essa ação na própria Secretaria.

<sup>8</sup> O ambiente de suporte ao uso do Monitor Educacional pode ser acessado através do Ambiente Educacional Web da Secretaria da Educação da Bahia, no tópico “Portais Educacionais”, através do *link* <<http://educar.sec.ba.gov.br/monitoreducacional/index.php>>.

porcionar um ambiente de socialização e amadurecimento das produções. A proposta é que as escolas desenvolvam soluções concretas para os processos de ensino-aprendizagem de todas as disciplinas, incluindo línguas estrangeiras (inglês e espanhol, por exemplo). A iniciativa, portanto, tem, entre outros benefícios, o papel de proporcionar condições favoráveis à produção de conhecimento e estimular a superação das dificuldades existentes.

O projeto do ME está fundamentado em alguns dos “Princípios e Eixos” (BAHIA, 2010) que direcionam a política educacional do Estado da Bahia, quais sejam: assegurar a educação como um direito e afirmar a escola pública como espaço desse direito comum a todos; valorizar as inovações e o uso das novas tecnologias como instrumentos pedagógicos e de gestão; assegurar o direito à cultura, à arte, ao conhecimento e à aprendizagem; transformar a escola em um espaço de bem-estar e de valorização da criança, do jovem e do adulto; articular as políticas educativas com políticas da infância, da juventude, dos adultos e dos idosos.

De acordo com informações mais específicas a respeito do ME, havia uma grande preocupação em proporcionar formação inicial e continuada aos professores, para que não se constituísse como uma ação apenas tecnicista, fragmentada e despolitizada. Para isso, a Secretaria da Educação da Bahia propôs a realização de um curso semipresencial com carga horária de 40h (quarenta horas), sendo 8h (oito horas) presenciais e 32h (trinta e duas horas) a distância, com o objetivo de alcançar mais de trinta mil professores e habilitá-los a usar com segurança e desenvoltura a nova tecnologia que chegara ao ambiente escolar público. O curso de treinamento ficou a cargo dos profissionais dos já mencionados NTE, os quais se encontram distribuídos em dezesseis polos em diferentes regiões do estado.

Uma questão que deve ser ressaltada é que este projeto, segundo os documentos oficiais, uma vez incorporado na rotina de professores e alunos, iria contribuir para a utilização dos laboratórios de informática que, em muitas escolas existiam, mas sempre foram subutilizados. Contudo, era preciso investir de fato na prática, pois apenas a disponi-

bilidade do equipamento e do seu manual seria insuficiente para um uso eficaz por parte da maioria dos docentes. Neste encontro com o novo, o professor deve ser percebido e, obviamente, se perceber, como o grande mediador das ações, e os alunos como os agentes-pesquisadores, atores dos processos, criadores de ideias e conteúdos.

Descrita a concepção do ME, partimos para a apresentação dos dados da pesquisa que contou com a participação de professores da rede pública estadual baiana, visando a identificar como o projeto chegou às escolas e foi recebido pela comunidade escolar.

### O Monitor Educacional chegou à escola

A fim de conhecer sobre a utilização do ME em salas de aulas de diferentes regiões do estado da Bahia, encaminhamos via correio eletrônico um questionário com dez questões abertas (ver Anexo) para 926 (novecentos e vinte e seis) escolas da rede estadual de ensino da Bahia, direcionado aos professores de língua inglesa, sendo que apenas 66 (sessenta e seis) docentes o responderam, gerando dados importantes que discutimos a seguir.

Nas respostas dos participantes, foram identificados diferentes períodos de chegada do ME nas unidades de ensino, conforme pode ser observado no Gráfico 1, com destaque para o ano de 2009, ano imediatamente seguinte ao início da ação, e uma indicação para o ano de 2007, o que, provavelmente, pode ser caracterizado como um equívoco, devido ao início do projeto ter ocorrido apenas em 2008.

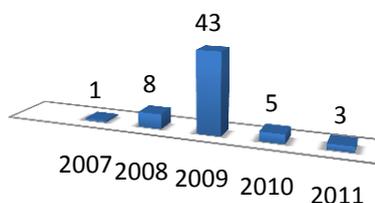


Gráfico 1 – Período de chegada do ME às escolas

Entre os professores participantes, 46 (quarenta e seis) informaram que utilizavam o ME em suas aulas e 20 (vinte) que não utilizavam, conforme exemplificado abaixo:

Utilizo o ME para expor sínteses dos conteúdos da disciplina língua inglesa, enriquecidos com imagens que ajudam o aluno a estabelecer relação entre conteúdo/imagem, facilitando, assim, a aprendizagem. Para isso, utilizo apresentação em *powerpoint*. Também utilizo vídeos de músicas muito interessantes para trabalhar as quatro habilidades básicas: ler, escrever, falar e ouvir. Este equipamento, além de ser de grande praticidade, facilita demais o ensino e a aprendizagem de língua inglesa. (P10)<sup>9</sup>

Sim. Não consigo nem imaginar minhas aulas sem o mesmo. É através dele que consigo trabalhar as habilidades de *listening and speaking* com os alunos e oportunizá-los de desfrutar de uma L2 de forma mais significativa. (P55)

Sei utilizar e já utilizei. Atualmente (2011), não estou utilizando. Pois nem todas as salas que leciono possuem a *TV Pendrive* em pleno funcionamento. Algumas foram danificadas pelos estudantes. Tenho aulas preparadas, mas não posso utilizar em todas as turmas. Não gostaria de priorizar umas e “prejudicar” outras. Acho que tenho que ministrar aulas de forma homogênea entre as turmas. (P7)

Vale ressaltar que, apesar de ter respondido SIM à pergunta, 2 (dois) respondentes fizeram uso de verbos no passado, palavras e fatos que fazem acreditar que a utilização não estaria mais ocorrendo:

Sim. Utilizei para apresentar conteúdos da internet para os alunos, mas os aparelhos não funcionam mais. (P5)

Sim utilizei-o várias vezes para exposição de filmes, documentários e textos. (P37)

<sup>9</sup>Os professores participantes receberam uma identificação (P1, P2, P3, etc.), utilizada durante toda a pesquisa, a fim de preservar a identidade de cada um deles.

Ademais, 7 (sete) professores que também responderam positivamente, afirmaram usar muito pouco o ME ou *TV pendrive*, alegando problemas para utilização de arquivos, falta de manutenção do equipamento, aparelhos não instalados, entre outros, conforme verifica-se nas respostas abaixo:

Sim, poucas vezes, em aulas expositivas e com imagens. (P32)

Atualmente, utilizo muito pouco, pois na escola onde trabalho os monitores não estão instalados em todas as salas, dos poucos que existem, a maioria está com defeito; além disso, acho o tamanho da tela pequena, o som de baixo alcance, por essa razão, quando vou fazer exibição de filmes ou slides, prefiro utilizar um projetor que existe na escola. (P35)

Dos docentes que responderam ao questionário, 72,72% não receberam qualquer treinamento sobre como utilizar o ME adequadamente e como converter arquivos, quando necessário, o que representa um índice significativamente alto. Contudo, ao compararmos com os dados sobre a utilização do ME, percebe-se que, apesar de não ter recebido treinamento adequado, boa parte dos professores faziam uso do ME em suas aulas na época em que forneceram as informações. Dentre as respostas, destacam-se as seguintes falas:

Não, nunca tivemos orientações sobre o projeto. Alguns professores fizeram o treinamento, mas não houve socialização. (P34)

Sim. A Secretaria de Educação do Estado da Bahia ofertou um curso intitulado “Monitor Educacional”, com carga horária de 40h. Fiz o curso que foi muito útil para que eu entendesse como funciona a *TV pendrive* e passei a utilizar com segurança a *TV pendrive* em minha escola. (P46)

Não. Entretanto, peguei o manual e fiz uma breve leitura. Pude perceber que é simples a utilização do aparelho, apesar de achá-lo arcaico. (P3)

Como eles próprios mencionam aqui, os professores poderiam buscar auxílio no

Ambiente de Suporte Virtual, baixando o manual ou, até mesmo, participando de fóruns interativos. Todavia, o mesmo quantitativo de professores, 72,72%, informou que não tinha conhecimento sobre o ambiente disponibilizado online, o que revela que um dos objetivos do projeto, que seria compartilhar as produções, pode estar comprometido. Sobre esta temática, chama a atenção as seguintes declarações:

Sim, mas não o utilizo com frequência. (P2)

Conheci, durante o curso de 40 horas, mas confesso que não acessei esse suporte. (P7)

Isso para mim é novidade. (P30)

Não! Existe? (P36)

Devido ao fato de o treinamento não ter atingido boa parte dos professores nem tampouco o Ambiente de Suporte Virtual ser conhecido por eles, o objetivo principal do projeto ME acabou, de alguma sorte, sendo comprometido na sua eficácia, conforme fica comprovado a partir das respostas dos docentes. De acordo com as informações apresentadas, 92,42% dos professores não tinham conhecimento pleno dos objetivos do ME e, por conta disso, apresentaram definições variadas para a nova ferramenta, conforme podemos observar nas respostas a seguir:

Tenho conhecimento sim, fiz o curso promovido pelo IAT<sup>10</sup> e pude, inclusive, elaborar pequenos projetos com o objetivo de dinamizar as aulas, melhorando assim o processo ensino-aprendizagem. (P23)

A *TV Pendrive* é um recurso tecnológico que tem por objetivo auxiliar o profissional da educação (professor) a ministrar as suas aulas

---

<sup>10</sup>Instituto Anísio Teixeira, órgão da Secretaria Estadual da Educação da Bahia, cujo objetivo é planejar e coordenar estudos e projetos referentes a ensino, pesquisa, experimentações educacionais e qualificação de recursos humanos na área de educação. In: < <http://educadores.educacao.ba.gov.br/apresentacao>>. Acesso: 20 fev 2014.

de uma forma mais interessante, proporcionando uma maior dinâmica, uma proximidade com a realidade do estudante e tornando-a menos cansativa e mais estimulante para o aluno. (P22)

Não tenho conhecimento específico sobre o projeto Monitor Educacional. Fiz um curso no NTE da Direc 02<sup>11</sup>, mas foi em caráter de treinamento para uso do monitor. Se, acaso, foi exposto o objetivo do projeto, eu não me recordo, ou não apreendi o conteúdo. Imagino que seja uma ferramenta para inovação na prática pedagógica e uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. (P65)

Sei que foi um projeto do Governo do estado da Bahia, SEC, com o intuito de promover a inclusão digital, estimulando a construção e socialização do conhecimento entre aluno e professor através da tecnologia. (P55)

Sobre como foi a recepção dos alunos ao Monitor Educacional e quais as alterações observadas no desempenho deles, podemos destacar, como exemplo, algumas respostas dos professores:

Quando não utilizo este equipamento nas minhas aulas, os alunos já reclamam: “Ah, pro! Não tem TV hoje?” Diante disso, percebe-se que a recepção dos alunos foi favorável ao uso deste equipamento. Em relação ao desempenho do aluno pode-se dizer que melhorou em relação às quatro habilidades. O campo da pronúncia merece destaque. Antes, os alunos não faziam uma pequena leitura oral por medo ou vergonha de errarem; hoje, eles leem assim que são solicitados, pois se sentem mais seguros. (P10)

A recepção dos alunos ao Monitor Educacional foi boa eles adotaram novidades, mas as alterações no desempenho dos alunos não puderam ser observadas, pois muitos aparelhos já chegaram sem funcionar e outros não demoraram a apresentar defeitos, então, muitas vezes, ao invés dessa ferramenta facilitar as aulas, ela dificultava. (P5)

Os alunos foram receptivos à chegada do ME, tornando-se per-

---

<sup>11</sup>Diretoria Regional de Educação: o estado é dividido em 33 (trinta e três) diretorias regionais e, em média, cada uma cuida das políticas educacionais de 12 a 15 municípios no estado da Bahia. A Direc 02 tem como sede o município de Feira de Santana.

ceptível o desempenho deles, através de mais questionamentos, participação oral, escrita, leitura e desenvolvimentos para os trabalhos solicitados em equipes. (P19)

Os alunos acharam interessante e passaram a cobrar que todos os professores utilizassem. No caso específico da minha disciplina, eles adoraram porque a TV *pendrive* proporcionou que pudéssemos utilizar vídeos e músicas mais frequentemente nas aulas de inglês. (P46)

Ainda, foram investigadas entre os professores que utilizam o ME as possíveis mudanças que o projeto trouxe para as aulas de inglês nos seus ambientes, dentre as quais destacamos as seguintes:

A mudança principal foi a praticidade, pois em um único aparelho instalado em todas as salas, podemos explorar recursos visuais, sonoros, etc. e não perdemos tempo com instalação de equipamentos ou precisamos esperar que a agenda da sala de vídeo ou *datashow* esteja disponível. Ganhamos tempo na preparação das aulas, pois podemos pesquisar muitas coisas na internet e transpor para a TV *Pendrive*. O gerenciamento do tempo nas aulas também foi um fator que melhorou. (P9)

As aulas ficaram mais produtivas, pois os alunos se mostraram interessados na novidade, queriam conhecer e utilizar a TV também, e assim participavam mais das aulas e faziam críticas construtivas do meu material, me ajudando na criação dos vídeos. (P14)

Como vivemos na era da informação, os alunos absorvem o conhecimento de forma rápida devido ao uso que fazem da tecnologia (computador/internet, celulares, *ipods*, MP#, citando apenas alguns). Ficar preso apenas ao material impresso torna as aulas maçantes e dispersa os alunos. Com o uso da TV *Pendrive* pude observar um interesse maior nas aulas bem como maior participação por parte dos alunos. (P16)

Questionados também se a implantação do ME mudou em alguma coisa a visão deles sobre o ensino de língua inglesa na escola pública, os respondentes apresentaram posições diferentes, como ilustram as falas abaixo:

Não, não. Acredito que a aquisição dos ME nas escolas públicas não tenha sido uma ação específica para a área de língua inglesa. Claro que beneficiou as diversas áreas do conhecimento. Encaro a *TV Pendrive* como um instrumento de trabalho interessante, mas não mudou minha visão. Só facilitou mais a vida do professor em geral. (P46)

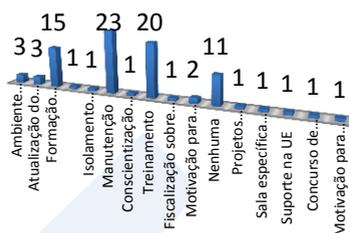
Sim. Porque o projeto é relevante para a melhoria da prática pedagógica, possibilitando propostas de atividades da língua inglesa inovadoras, que contribuem para aprendizagem dos discentes na escola pública. (P19).

Não, porque já tinha em mente que o aluno deve exercer a coautoria do saber. (P2)

Posso dizer que todo professor que utilizou este equipamento teve suas aulas mais dinâmicas e significativas, desconstruindo a ideia de que professor de inglês de escola pública só ensina gramática. Porém, acho que esta experiência ainda não atingiu um número suficiente de professores. Muitos, por não se familiarizarem com a tecnologia, preferem, por comodismo ou por medo, não se arriscar. Penso que, para esta parcela de professores, seria indispensável um curso. (P10)

Por fim, quando indagados a respeito de sugestões para aperfeiçoar o projeto, as opções mais apresentadas foram manutenção, treinamento e formação continuada, conforme pode ser observado no Gráfico 2 a seguir. Três professores sugeriram a criação de um ambiente virtual para compartilhamento de conteúdos digitais, apesar de o ambiente já existir desde o início da implantação do ME.

Gráfico 2 – Sugestões dos professores para aperfeiçoamento do Projeto ME



### Considerações Finais

Como já é de amplo conhecimento, em sua maioria, os alunos de nossas escolas públicas estão acostumados com aulas baseadas apenas no antigo, mas não esquecido, Método da Gramática e Tradução<sup>12</sup>. Apesar de um certo estado de inércia em relação a tal prática, não podemos afirmar que iniciativas para uma renovação e a implantação de uma modelagem no tocante ao ensino de LE neste ambiente não faça parte do pensamento e planejamento de professores e gestores mais alinhados com as demandas dos tempos modernos. O Projeto ME é um exemplo destas tentativas interessantes e, certamente, deve ser visto como um recurso eclético capaz de proporcionar aos estudantes um contato salutar com uma nova forma de aprender línguas, no nosso caso, o inglês. Além de permitir aos professores o uso contínuo de materiais que apresentem a língua inglesa em situações de contextos reais e significativos para o contexto local, possibilita a produção e socialização de materiais relacionados à realidade dos aprendizes, além de permitir que todos, professores e alunos, estejam mais perto das tecnologias da informação e delas tirem vantagem para o crescimento de todos.

Também vale destacar que a implementação do ME nas unidades públicas de

<sup>12</sup>O consagrado *Método da Gramática e Tradução* tem como objetivo o aprendizado de regras gramaticais e a leitura e tradução de textos da língua alvo para a língua materna. As aulas são ministradas na língua nativa do aprendiz, sendo o vocabulário apresentado a partir de listas de palavras isoladas. O significado dos textos é pouco trabalhado, sendo a leitura utilizada apenas como auxílio para exercícios gramaticais. Não há qualquer preocupação com a oralidade, sendo, portanto, os aspectos da pronúncia completamente ignorados.

ensino possibilita uma maior dinamização no uso dos laboratórios de informática já existentes em muitas unidades escolares, mas que, por motivos diversos, ficam lacrados ou são utilizados com baixíssima frequência. Apesar de aventarmos tal possibilidade, nos questionários respondidos, não observamos qualquer menção à questão do uso (ou algum incremento na utilização) dos laboratórios de informática nas escolas públicas espalhadas pelo estado.

Analisando as respostas dos professores de inglês que participaram do estudo, nota-se que é possível pensarmos na desconstrução do discurso repetido por muitos professores e integrantes da comunidade escolar quando afirmam que o ensino de língua inglesa é quase sempre fadado ao fracasso devido à carência de estrutura das escolas públicas. Na fala dos respondentes, observa-se que grande parte das unidades de ensino dispõe, além do ME, de equipamentos modernos como projetores, *laptops* e, até mesmo, salas multimídia, o que ratifica a ideia de ser este discurso antigo, sem sustentação e que, com um pouco de empenho de todos, pode ser facilmente combatido e transformado a partir das iniciativas concretas que já florescem em vários contextos em todo o país. Temos apenas que tirá-las da perversa condição de invisibilidade que, infelizmente, ainda se encontram.

Percebe-se, também, a visão de que o ME é apenas mais um equipamento em sala de aula que pode tornar a aula mais atrativa, devido a não informação do verdadeiro foco do projeto, quanto à possibilidade de poder se produzir e sociabilizar o conhecimento construído coletivamente através do ambiente virtual. Essa situação demonstra, em parte, o que Gomez (1999) afirma sobre a implementação de tecnologias em sala de aula, chamando a atenção para o fato de que, muitas vezes, o resultado é nada mais que a ‘sofisticação’ do ensino autoritário e tradicional através da nova tecnologia. Nesse sentido, como aponta Castells (1999), precisamos entender que as novas tecnologias não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos e compartilhados democraticamente.

Analisando as informações relatadas pelos professores participantes deste estu-

do, podemos concluir que o Projeto ME configura uma iniciativa importante para a escola pública, na medida em que permite a ressignificação das metodologias docentes de todas as disciplinas, em especial de LE, e desperta o interesse dos estudantes no tocante ao gerenciamento da sua aprendizagem, além de estar inserindo nas escolas ferramentas que possibilitam a todos os envolvidos no processo educacional contato direto com algum tipo de tecnologia da informação.

Porém, talvez por falta de capacitação de seus usuários, afinal, mais de 70% dos professores não receberam o treinamento específico sobre como usar o ME, nota-se que não estão ocorrendo as ações necessárias para o alcance dos objetivos deste projeto. Por conta disso, tal iniciativa termina por ser caracterizada como se fosse apenas um ato de disponibilização tecnicista, fragmentado e despolitizado, o que não condiz com a realidade. Os dados apresentados pelos educadores mostram que, apesar de ser uma ação ímpar para o contexto da escola pública, a carência de formação inicial e continuada, bem como de manutenção nos equipamentos, representa um ponto de extrema relevância, considerando que o objetivo principal dessa ação, de alguma forma, encontra-se comprometido, mas não de todo perdido. É possível pensar numa reviravolta positiva da ação. Esta é a nossa crença.

Ao fim e ao cabo, como discutido ao longo do texto, o mundo atual está perpassado e conectado pelos avanços tecnológicos que chegam até nós com rapidez jamais imaginada. As NTIC estão em toda parte e, incontestavelmente, devem chegar às escolas e se incorporar as nossas práticas pedagógicas. Contudo, não basta que equipamentos sejam disponibilizados para as unidades de ensino. A formação do professor é essencial para que ele desenvolva a capacidade de avaliar tais tecnologias e inseri-las da melhor forma possível no seu dia-a-dia, proporcionando momentos significativos de aprendizagem e produção coletiva do saber. Afinal, não são os computadores que irão substituir professores, mas professores avessos a qualquer tipo de tecnologia poderão ser suplantados por aqueles que delas entendam e, através delas, descubram como atrair para arenas de discussão e produção de conhecimento os nossos jovens nascidos em um contexto geracio-

nal em que somente aulas interessantes e provocadoras poderão prender sua atenção e neles despertar a vontade de adentrar com motivação plena pelo mundo do desconhecido. O desafio é enorme, mas nem por isso, menos estimulante. Somente encarando-o de frente e com coragem, poderemos saber se tecnologia na escola pública funciona ou não. A pergunta está posta e demanda respostas.

### DOES TECHNOLOGY IN PUBLIC SCHOOL WORK? – THE *MONITOR EDUCACIONAL* EXPERIENCE IN BAHIA STATE

**ABSTRACT:** New technologies are directly linked to the transformations which have highlighted the history of our contemporary society. The youth, taken as digital natives, have been increasingly immersed in the world information networks and the school cannot be apart from this reality, which represents a major challenge for educators. The article seeks to discuss the relationship between technology and linguistic education, departing from the Bahia Government's project Educational Monitor, its main objectives, sharing results from an MA research study which sought to analyze the spread and effects of the EM in ELT classes of the state's public school system.

**KEYWORDS:** English as an international language; Educational Monitor; new technologies; public school.

### REFERÊNCIAS

BAHIA, Secretaria da Educação da. (2007). *Princípios e eixos da educação na Bahia*. 17p. Disponível em <<http://consed.org.br/rh/resultados/2012/planos-estaduais-de-educacao/pee-ba.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2010.

BARRETO, R. G. (2002). *Formação de professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Loyola.

BRASIL, MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. 244 p.

CANÇADO, M. (1994). Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 23, p.55-69.

CASTTELS, M. (1999). *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cul-*

tura. São Paulo: Paz e Terra.

COMASSETO, L. R. (2005). Internet, a ilusão democrática. *Socitec e-prints*, Florianópolis, Vol. 1, No. 1, Jan/Jun, p. 29-39.

COX, K. K. (2008). *Informática na Educação Escolar*. Polêmicas do nosso tempo. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados.

CRYSTAL, D. (1996). *English: The global language*. London: The US English Foundation.

FAGUNDES, M. M. (2011). *Competência informacional e Geração Z: um estudo de caso em duas escolas de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre (RS). 104 f.

GOMEZ, M. V. (1999). Paulo Freire: re-leitura para uma teoria da informática na educação. *USP-Núcleo de Comunicação e Educação*. São Paulo (SP), p.1-6. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/144.pdf>> Acesso em: 4 set 2012.

KENSKI, V. M. (2010) *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus.

LEFFA, V. J. (1999). O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, APLIESP, Vol. 4, p.13-24.

LEFFA, V. J. (2001). Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, p.333-355.

LEMONS, A.; LÉVY, P. (2010). *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.

LÉVY, P. (2010). *Cibercultura*. 2ª. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34.

LOPES, N. M. (2007) *Técnica, tecnologia e comunicação em Paul Virilio*. Dissertação não publicada (Mestrado em Comunicação e Tecnologias Educativas), Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real. 267 f.

MCKAY, S. L. (2002). *Teaching English as an international language: rethinking goals and approaches*. Hong Kong: Oxford University Press,

PAIVA, V. L. M. (2008). *O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva*

va histórica, p.1-16. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>. Acesso em: 26 jul 2013.

PAIVA, V. L. M. (2010). A tecnologia na docência em línguas estrangeiras: convergências e tensões. In: SANTOS, L. L. C. P. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, p.595-613.

PEIXOTO, R. P. (2013) *Monitor educacional (tv pendrive): a tecnologia nas aulas de língua inglesa da escola pública*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.

PHILLIPSON, R. (1992). *Linguistic imperialism*. Hong Kong: Oxford University Press.

PRETTO, N.; PINTO, C. da C. (2006). Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, No. 31, jan./abr., p.19-30.

RAJAGOPALAN, K. (2005) A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial.

VIRILIO, P. (2001). Da política do pior ao melhor das utopias e à globalização do terror. *Revista Famescos*, Porto Alegre, n° 1, dez/2001, p.7-18.

## ANEXO

### Questionário enviado aos professores de inglês da escola pública da Bahia

#### Perguntas:

1. O que você sabe sobre o projeto Monitor Educacional (*TV Pendrive*)? Você tem conhecimento dos objetivos do projeto?
2. Quando o Monitor Educacional (*TV Pendrive*) chegou a sua escola?
3. Você e seus colegas docentes receberam informações sobre o projeto e treinamento sobre como utilizar o equipamento?
4. Você utiliza o Monitor Educacional? Se sim, de que maneira? Se não o utiliza, qual o motivo?
5. Se você utiliza o Monitor Educacional, que mudanças o projeto trouxe para suas aulas?
6. Qual foi a recepção dos alunos ao Monitor Educacional e quais as alterações observadas no desempenho deles?
7. O que você produziu juntamente com seus alunos que pode ser utilizado através do Monitor Educacional?
8. Você conhece o Ambiente de Suporte ao uso do Monitor Educacional?

**9.** A implantação deste projeto mudou em alguma coisa a sua visão sobre o ensino de língua inglesa na escola pública?

**10.** Alguma sugestão que possa aperfeiçoar a utilização dos Monitores Educacionais?

*Recebido em 25/08/2014.  
Aprovado em 16/01/2015.*

